



O invisível que sustenta as árvores: manutenção de Sistemas Agroflorestais no Assentamento Bela Vista (Iperó-SP)

The invisible support of trees: maintenance of Agroforestry Systems in Bela Vista settlement (Iperó-SP)

ABDALLA, Tatiana Graeml¹; FRANCO, Fernando Silveira²

¹ UFSCar - PPGADR, tatiana.abdalla@estudante.br; ² UFSCar - DCA, fernandosf@ufscar.br

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Ancestralidade, terra e território

Resumo: A agricultura familiar camponesa tem o afeto pela terra como característica, em uma lógica diferente do mercado. Alguns lotes familiares do Assentamento Bela Vista (Iperó-SP) possuem Sistemas Agroflorestais biodiversos, os quais, a despeito de não fornecerem a renda necessária às/aos agricultoras/es, são por elas/eles mantidos em pé. Este trabalho buscou investigar, através de uma pesquisa participante com quatro famílias assentadas, os motivos para tal manutenção, dado a importância da ação para processos de restauração florestal. Foram aplicadas ferramentas de diagnóstico rural participativo, cujos dados passaram por uma análise de conteúdo. Os resultados indicam que as motivações mais significativas para a manutenção das árvores nos lotes estão ligadas aos valores simbólico e de uso das árvores, em detrimento do valor de troca, apontando a contribuição das tradições camponesas para o enfrentamento dos desafios socioambientais de nosso tempo.

Palavras-chave: dinâmicas imateriais; afetividade; valor de uso; valor simbólico.

Introdução

A relação ser humano- florestas variou consideravelmente entre diferentes culturas e períodos históricos, representando diferentes visões e atitudes que contribuíram mais ou menos para a conservação de ecossistemas florestais. Os processos de urbanização e industrialização que marcaram a história da sociedade ocidental na Europa moderna, ao substituírem a madeira por outros materiais (como combustíveis fósseis, ferro e concreto) como matéria-prima para a produção de bens e energia, levaram a um distanciamento físico das populações urbanas em relação às florestas conforme estas perdiam seu valor de uso imediato. Como consequência, uma maior alienação com relação às florestas no campo simbólico reduziu os cuidados ligados à sua conservação (RITTER E DAUKSTA, 2013).

A industrialização chegou também à agricultura através da Revolução Verde, responsável pela intensificação e mecanização do cultivo monocultural já praticado por nações do norte global (COCA, 2020). Este processo, assim como a posterior hegemonia do sistema agroalimentar por parte de gigantes conglomerados de empresas transnacionais, intensificou a mercantilização do alimento, enfatizando o peso no valor de troca em detrimento de seu valor de uso.



A Agricultura Familiar camponesa, entretanto, que existe ao redor do mundo desde muito antes do início da globalização e segue resistindo e se adaptando aos desafios por ela impostos, apresenta uma lógica de funcionamento específica, centrada na unidade de produção familiar e que não visa atender exclusivamente às demandas do mercado (WANDERLEY, 2003). Além das necessidades materiais de reprodução social das famílias camponesas, estão imbricados nessa lógica aspectos imateriais que definem, ao menos em parte, as relações que as pessoas do campo travam com a terra, com o trabalho e com a natureza, nas quais a afetividade apresenta papel importante (BRANDÃO, 1999).

Os assentamentos rurais da reforma agrária brasileiros reúnem pessoas com origens geográficas não raro distintas entre si, embora muitas apresentem características comuns devido à sua tradição camponesa. Compreender as especificidades do campesinato nestes espaços pode fornecer um panorama das motivações que levam assentadas/os a zelar pela conservação dos ambientes florestais.

O Assentamento Bela Vista (Iperó, SP) possui uma trajetória de experiências em Agroecologia, entre as quais figura a manutenção de Sistemas Agroflorestais (SAFs) implantados através de dois projetos exógenos à comunidade: o Projeto Plantando Águas e o Projeto Gerando Frutos (pertencente ao Projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável – PDRS).

Em uma pesquisa realizada do escopo de um mestrado acadêmico, verificamos que os SAFs lá implantados não estão produzindo frutos nem gerando renda de forma satisfatória às necessidades das famílias. Isso contribui para que os SAFs sejam mantidos em pousio por períodos variáveis, enquanto a escassa mão de obra disponível é empregada em atividades mais rentáveis a curto prazo.

Ainda assim, as famílias mantêm seus SAFs de pé, assim como fazem com outras árvores cultivadas nos lotes. Tendo em vista a importância destas ações para a conservação e recuperação de contribuições prestadas pelas árvores, objetivamos investigar as motivações que levam as agricultoras/es participantes da pesquisa a não cortar as árvores existentes/por elas cultivadas anteriormente em seus sítios.

Metodologia

O Assentamento Bela Vista está localizado na porção noroeste do município de Iperó (SP) e é fruto da luta pela reforma agrária articulada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na região, tendo sido regularizado pelo Instituto de Terras de São Paulo (Itesp) em 1998. Ocupa uma área de 887,88 ha, possui 31 lotes e está na zona de amortecimento da Floresta Nacional de Ipanema. A Agroecologia foi introduzida no Assentamento principalmente através de ações da Associação José Guilherme Stecca Duarte dos Produtores Agroecológicos e



Biodinâmicos da Reforma Agrária da Região Sorocabana (APROBIO), organização idealizada por assentadas/os, e contou com contribuições significativas de parcerias externas, tais como a Associação Biodinâmica (ABD) e a UFSCar/Sorocaba - através de ações do Núcleo de Agroecologia Apetê Caapuã (NAAC) (OLIVEIRA, 2016). Dentre as famílias que praticam agricultura e outras atividades norteadas pelos princípios da Agroecologia, quatro estão bastante engajadas em trabalhos com parcerias, e, por demonstrarem interesse, foram convidadas a participar deste estudo.

Adotamos como metodologia a pesquisa participante (PERUZZO, 2017), contando com uma imersão da primeira autora na comunidade do assentamento no período março-junho/2022, no qual foram conduzidas, com cada família, entrevistas semiestruturadas e outras ferramentas de diagnóstico rural participativo (VERDEJO, 2006), como elaboração de uma linha do tempo do lote e uma análise FOFA, a fim de compreender, entre outros aspectos, a relação das/os agricultoras/es com as árvores. O conteúdo dos diálogos travados foi gravado, transcrito, e passou por uma análise de conteúdo do tipo análise categorial temática, para a qual optamos pela definição não-apriorística de categorias (BARDIN, 2006).

Resultados e Discussão

Da análise de conteúdo realizada, seis categorias relacionadas à manutenção dos SAFs e de árvores nos lotes emergiram. São elas: *dinâmicas familiares*, que incluem aspectos internos à família e ao lote; *dinâmicas comunitárias e parcerias*, que reúnem relações existentes entre as famílias do assentamento e entre elas e entidades externas; *contexto ambiental e conflitos*, que trata de fatos (incluindo os de origem antrópica) que afetam as condições ambientais de vida e produção nos lotes; *estratégias de produção e manejo* adotadas por cada família; *recursos materiais*, incluindo aspectos financeiros e de infraestrutura; e *dinâmicas imateriais*, compreendendo relações sutis, simbólicas e afetivas entre agricultoras/es e as árvores. Para cada categoria de análise, discriminamos temas específicos, ilustrados no esquema da Figura 1:



Figura 1. Esquema gráfico contendo os motivos para a manutenção das árvores e SAFs nos quatro lotes estudados do assentamento Bela Vista.



Fonte: os autores, 2023.

Observando a figura, fica evidente o papel-chave das dinâmicas imateriais nas motivações das/os participantes para manter de pé as árvores. Dentre as múltiplas interpretações possíveis desta realidade imaterial, elencamos três pontos-chave que englobam os temas descritos. O primeiro deles diz respeito ao apreço que as/os agricultoras/es cultivam pelas árvores e pela natureza como um todo, incluindo *apreciação estética*, *predileção por algumas espécies* (tanto de árvores como de animais que as visitam) e *empatia pelas árvores*, independente de suas funções produtivas. Esta empatia é relatada por um agricultor como o ato de “sentir dor ao ter que podar árvores”, uma vez que estas são seres vivos (ainda que reconheça a importância das podas para o sucesso do manejo agroflorestal). Em outra família, uma agricultora fala sobre “o ser árvore no organismo agrícola”, a partir da sua vivência com a agricultura biodinâmica (SIXEL, 2003), praticada no lote. O apreço pelas árvores apresenta, ainda, uma ligação de gênero, já que, nas dinâmicas familiares, o hábito do cultivo de mudas e árvores em quintais agroflorestais é principalmente das mulheres.



O segundo ponto deriva do primeiro, mas tem ligação específica com as histórias das/os participantes: trata-se do *papel das árvores em memórias afetivas*. Vivendo em condições atravessadas por dificuldades financeiras e produtividade flutuante, as famílias entrevistadas relatam terem passado por uma série de mudanças ao longo do tempo, afetando a configuração da paisagem dos lotes. Nesse processo, as árvores representam um registro importante da história de cada família na relação com a terra que ocupa. Uma agricultora relata que a grande árvore em frente à sua casa foi plantada logo que chegaram ao sítio, servindo às brincadeiras dos filhos quando crianças – exemplificando como figura da árvore está imbuída de valores simbólicos profundos, que parecem guiar fortemente a decisão de sua manutenção.

Por fim, o terceiro ponto que marca as dinâmicas imateriais é a *preocupação com a pauta ambiental global*, motivo que leva algumas famílias a valorizarem o reflorestamento e cultivarem, no rol de suas estratégias de produção e manejo, o hábito da manutenção de espaços destinados à preservação da mata original. A construção desta preocupação parece ter tido influência das tradições de cultivo sem veneno – aspecto comum às histórias das quatro famílias –, e de sua trajetória na Agroecologia, que trouxe novos conhecimentos acerca das funções ecológicas e socioculturais das árvores, dando às relações pessoas-florestas novos significados.

Contribuíram para essa trajetória diversas parcerias externas à comunidade. Elas, ao que pudemos perceber e refletir, também servem, hoje, de incentivo à manutenção das árvores nos lotes, uma vez que a promoção de encontros e eventuais mutirões nos sítios parece reforçar a auto responsabilização de todas/os as/os envolvidas/os para a manutenção de um pacto coletivo de cuidado com a natureza.

No âmbito dos recursos materiais, o valor de uso das árvores parece pesar significativamente mais do que o valor de troca dos produtos florestais, outra diferença na lógica familiar em relação à lógica de mercado (WANDERLEY, 2003). As famílias mencionaram funções de uso das árvores que podem beneficiá-las no presente (tais como a geração de sombra, além de entretenimento e descanso mediante a instalação de redes e balanços), mas também contribuir para a segurança material de seus filhos no futuro (através da construção de uma reserva de madeira plantada).

O valor de uso percebido não se limita aos benefícios diretos ao bem-estar familiar, mas se estende às condições ambientais. Em uma família cujo lote é, em um ponto, entrecortado por uma Área de Preservação Permanente, e, em outro, ladeado por



uma propriedade de cultivo convencional de cana de açúcar, a presença das árvores é percebida como essencial por conta a função de barreira vegetal por elas exercida, contribuindo para reduzir os efeitos danosos da deriva de pesticidas. Em outra família, houve a menção do papel das árvores na manutenção do equilíbrio hídrico do solo.

Tais características corroboram os apontamentos de Wanderley (2003) sobre as diferenças entre a agricultura familiar camponesa e a agricultura industrial. A tradição camponesa, afirma a autora, está inserida no mundo moderno e em constante diálogo com a sociedade, oferecendo uma perspectiva diferente de relação com a terra e a natureza que, anteriormente relegada pela ciência a uma posição de “atraso”, hoje faz-se necessária para a promoção de práticas menos predatórias diante de uma situação planetária de múltiplas crises socioambientais.

Conclusões

Estudando as relações humanas com ecossistemas florestais, percebemos que a escolha consciente de agricultoras/es em manter árvores de pé em lotes agroecológicos tem raízes na sua tradição camponesa, caracterizada pelo não-emprego de agrotóxicos e pelo papel da afetividade com a terra nas tomadas de decisão. Assim, o que sustenta as árvores nestes sítios não é seu valor de troca, e sim, seus valores simbólicos e de uso. Compreender estas relações parece ser fundamental para pensarmos propostas em Agroecologia que promovam a restauração das funções ecológicas das árvores. Este trabalho nos leva a refletir como a opção pela “não remoção” de um elemento do agroecossistema também faz parte do conjunto de ações de seu manejo, e evidencia a contribuição da agricultura e modos de existir camponeses para a construção e fortalecimento da pauta ambiental.

Agradecimentos

Às/aos agricultoras/es participantes da pesquisa. À Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) Câmpus de Ciências Agrárias e à Coordenação do Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural (PPGADR). À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) Código de Financiamento 001.

Referências bibliográficas

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2006. 225 p.



BRANDÃO, C. R. **O afeto da terra: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sitiantes do bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da serra da Mantiqueira, em Joanópolis.** 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. ISBN 9788526804784.

COCA, E. 20 anos da proposta de soberania alimentar: construindo um regime alimentar alternativo. **Revista NERA**, Presidente Prudente, ano 19, ed. 32 – Dossiê, p. 14-33, 2016.

OLIVEIRA, J. E. **Monitoramento participativo de Sistemas Agroflorestais nos assentamentos do município de Iperó - SP.** 2016. 134 p. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal de São Carlos, Araras, 2016.

PERUZZO, C. M. K. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante a pesquisa-ação. **Estudios sobre las Culturas Contemporáneas**. época III, v. XXIII, n. esp. III, p. 161-190, 2017.

RITTER, E.; DAUKSTA, D. Human-forest relationships: ancient values in modern perspectives. **Environm Dev Sustain**, v. 15, p. 645-662, 2013. DOI <https://doi.org/10.5304/jafscd.2021.103.014>.

SIXEL, B. T. **Biodinâmica e Agricultura.** 1. ed. Botucatu: Associação Brasileira de Agricultura Biodinâmica, 2003, 220 p.

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico Rural Participativo: um guia prático DRP.** Brasília: MDA/Secretaria da Agricultura Familiar, 2006. 62 p.

WANDERLEY, M. N. B. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 42-61, 2003.